

# David Sassoli: por uma Europa mais livre, mais justa e mais próspera

Carlos Nogueira

Em qualquer tempo e lugar, e em particular no mundo ao mesmo tempo alheado, indiferente e extremista em que vivemos, a morte de um democrata ativo é uma perda irremediável. David Sassoli era um socialista e um europeu convicto, um homem de pensamento e de ação empenhado em contribuir para fazer da Europa e do mundo um espaço mais habitável, mais livre de egoísmos e de cisões. Do primeiro discurso de Sassoli como Presidente do Parlamento Europeu, retenho os temas, fundamentais para o nosso presente e para o nosso futuro, que ele se propunha trabalhar: os jovens, a pobreza, a igualdade e a ecologia. Sassoli salientou também o lugar da memória, essa capacidade tão humana a que José Saramago se referiu tantas vezes em tom aforístico: «Somos a memória que temos, sem memória não saberíamos quem somos» (Saramago 2018, 225). David Sassoli lembrou que o seu pai teve de lutar contra outros europeus e a sua mãe foi obrigada a sair de casa para se refugiar no seio de outras famílias. Esta alusão evidente à Segunda Guerra Mundial não é fortuita nem melodramática; revela a memória viva de Sassoli, a sua atenção ao passado, às lições da História e à imprevisibilidade do amanhã.

A Itália onde nasceram o pai e a mãe de Sassoli foram o lugar onde em primeiro lugar se instituiu o fascismo (com Mussolini, como é sabido) e de onde irradiou para outros países europeus, como a Alemanha, que o levou a um extremo de perfeccionismo. Foi nesta Europa, plena de arte da mais sublime, que o horror e o ódio se institucionalizaram, o crime à escala industrial se vulgarizou durante seis longos anos (sem contar o tempo que antecedeu a Guerra).

Carlos Nogueira, University of Vigo, Spain, carlosnogueira@uvigo.es, 0000-0002-7439-2989

Referee List (DOI 10.36253/fup\_referee\_list)

FUP Best Practice in Scholarly Publishing (DOI 10.36253/fup\_best\_practice)

Carlos Nogueira, *David Sassoli: por uma Europa mais livre, mais justa e mais próspera*, © Author(s), CC BY 4.0, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3.10, in Michela Graziani, Annabela Rita (edited by), *Europa: um projecto em construção. Homenagem a David Sassoli*, pp. 95-101, 2023, published by Firenze University Press, ISBN 979-12-215-0010-3, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3

Aconteceu, pode voltar a acontecer, disse-o Primo Levi, que sabia do que falava. Sassoli nasceu em 1956, portanto bem depois do fim do conflito que assolou a Europa e o mundo pela segunda vez no mesmo século, por muitos considerado o mais cruel da História. Não foi o século mais violento, mas antes aquele em que a escravatura, a tortura e os assassinatos em massa se tornaram mais fáceis devido ao desenvolvimento científico e tecnológico. Seria de esperar, pelo menos depois da Primeira Guerra Mundial, mais comedimento perante a pulção humana para a violência e a morte do outro. David Sassoli, que não viveu nenhuma das tragédias europeias, teve acesso direto, por via da experiência da própria família, à memória do totalitarismo de Mussolini e da Segunda Guerra Mundial, viveu em plena Guerra Fria, era muito jovem quando se deu o Maio de 68, tinha 33 anos quando caiu o Muro de Berlim, 36 quando começou a Guerra da Bósnia, 45 quando se deu o ataque às Torres Gémeas dos EUA, no dia 11 de setembro de 2001, praticamente 48 em março de 2004 (também dia 11), quando aconteceu o atentado em Madrid, na estação de comboios de Atocha, mais de 50 e mais de 60 quando outros ataques e outras guerras se concretizaram na Europa (especialmente em França: Bataclan, em 2015, etc.) e por todo o mundo.

Para quem a sofre, a opressão é uma verdade crua, não uma imagem desvanecida de um estado de coisas que quem vive em abundância e segurança se pode dar ao luxo de considerar inaceitável e nada fazer. Sassoli, enquanto jornalista, viu as múltiplas faces da dominação, da exclusão social, política e cultural, da discriminação e da destruição moral e física; viu a ascensão da social-democracia, a derrota do comunismo; viu a atração que o modelo democrático exerce sobre povos que vivem em ditadura (penso na Primavera Árabe, em particular); viu também o crescimento das forças antidemocráticas, na Europa e no mundo, que falam uma linguagem em que democracia e populismo se confundem, que aspiram ao poder pelo poder e, para isso, exploram os medos, as dificuldades e a tendência humana para ver no outro, naquele que é diferente (o pobre ou o remediado acusa o rico, o rico culpabiliza o pobre ou o remediado) e estrangeiro (os imigrantes ou outros povos), a causa dos seus problemas (desemprego, inflação, baixo crescimento económico, taxas de juro altas, etc.).

Sassoli jornalista observou e lidou com a extrema-direita e a extrema-esquerda, analisou os movimentos da demagogia, pôde ver de perto o modo como políticos sem escrúpulos criam inverdades e mentiras e as sabem pôr em circulação nas redes sociais, na televisão, nos jornais, no mundo académico, como sobre põem a subjetividade e as emoções à razão e à factualidade, como proferem frases curtas e imediatas que comunicam ideias pobres ou inexistentes revestidas da energia das verdades irrefutáveis e salvadoras, como apresentam soluções que dizem ser infalíveis e concretizáveis num curto espaço de tempo.

Tudo isto (a sua história familiar, a sua formação académica em ciência política, a sua atuação muito ativa no jornalismo) levou David Sassoli à política italiana e ao Parlamento Europeu. Como presidente, empenhou-se em atuar em áreas nevrálgicas. Repito: os jovens, a pobreza, a igualdade e a ecologia.

A sociedade responsável e livre por que Sassoli trabalhou enquanto político socialista democrata tem no seu centro as crianças e os jovens, e, naturalmente,

a educação e a cultura. Educação escolar, sem dúvida, nas suas múltiplas esferas curriculares, mas também educação e cultura no sentido de consciência de direitos e de deveres, de respeito por si e pelos outros, de construção de uma cidadania ampla em que não haja os outros (os diferentes de nós na cor, na religião, nos usos e costumes, na riqueza material). Cultura também no sentido de elevação de espírito, essa procura constante de compreensão do que é o humano que se aprofunda no convívio com a literatura, a música, o teatro, etc., aspeto em que a escola e a sociedade em geral têm falhado, na Europa e no mundo, ora porque não formam com a qualidade técnica desejável, ora porque desconsideram os valores ético-morais, a transmissão de uma ideia de sociedade em que há direitos tanto quanto há deveres e regras, liberdades mas não menos interdições. A escola europeia é muito mais um espaço de competição por boas classificações do que de formação espiritual.

Mais e melhor escolaridade e sabedoria traduzem-se, a médio e a longo prazo, na diminuição da pobreza, em mais acesso qualificado e digno ao mundo do trabalho, e em mais igualdade de oportunidades, mais bem-estar económico, pessoal e social, menos conformismo e mais propensão para desconstruir a linguagem do populismo, para não se deixar seduzir pelas promessas de felicidade e riqueza imediatas, para se ser agente de uma democracia responsável e inclusiva, para se tender a contrariar o egoísmo, o autoritarismo e o gosto pelo poder, impulsos e características próprios da espécie humana, como bem se sabe, e a preferir outros elementos antropológicos que também nos definem (o amor, o altruísmo, a ‘educação’, a compreensão, os desejos de harmonia e de paz, a intollerância contra a violência e a subjugação).

Pensar nas crianças e nos jovens europeus (e não só), para Sassoli, significava garantir-lhes condições de realização enquanto pessoas com a sua individualidade própria e enquanto cidadãos preparados para o mundo do trabalho. Sassoli estava bem consciente do processo que Marx definiu como alienação no trabalho, e não o desejava para os jovens da Europa (e para nenhuns outros, obviamente), que ele queria ver exultantes a todos os níveis, com garantias de bem-estar mental e físico, intelectual, pessoal e profissional. David Sassoli queria homens e mulheres que não se sentissem, para usarmos linguagem socialista, fora de si próprios, seres com a sua individualidade negada pelo trabalho, impedidos de poderem reconhecer a sua personalidade nos produtos que criam e de se reconhecerem participantes no movimento emancipador que sempre deve acompanhar a sociedade. Não é isso que está acontecer. Os jovens veem-se, na sua maioria, submetidos à «máquina de valorização do capital» (Louçã 2018, 24), destruídos por um trabalho que apenas, ou quase só, os explora.

Pelo menos em parte, é assim porque o sistema de ensino europeu, a comunicação social pública e os Governos continuam a não saber e a não querer investir verdadeiramente em cultura e em arte. Estas palavras de George Steiner são exemplares e muitíssimo atuais, mais do que em 2004, quando foram escritas: «se os jovens ingleses escolhem classificar David Beckham acima de Shakespeare e Darwin na lista de tesouros nacionais, se as instituições culturais, as livrarias e as salas de concertos e teatro lutam pela sobrevivência numa

Europa que é fundamentalmente próspera e onde a riqueza nunca falou tão alto, a culpa é muito simplesmente nossa» (Steiner 2007, 55). Steiner não podia saber, em 2004, da crise financeira mundial de 2008, e, por isso, o que nos diz no mesmo texto, a concluir, tem um envolvimento premonitória que continua a fazer sentido em países como Portugal e Itália. Refiro-me à constatação de que muitos dos melhores talentos científicos e humanísticos europeus abandonam a Europa para não mais voltarem. O pensador conclui, em termos muito pragmáticos: «se não for colmatada a diferença entre a América em termos de salários, oportunidades de carreira, recursos destinados à investigação e à descoberta em parceria, ficaremos efetivamente condenados à esterilidade ou à segunda mão» (Steiner 2007, 54).

Sassoli acreditava na soberania popular esclarecida, não no poder de um povo que se deixa manipular por homens e mulheres não-democráticos; cria ser possível conciliar progresso com liberdades individuais e economia de mercado livre regulado pela política, não pelos grupos económicos e financeiros que no passado recente (recessão de 2008) tantas tragédias sociais e individuais acarretaram. Invista-se nos jovens, portanto, dizia Sassoli, que com certeza sabia como o sistema de ensino, em não poucos países europeus, está subordinado a uma inércia que faz com que, por exemplo, um aluno mal-comportado impeça toda uma turma de ter um ambiente saudável na sala de aula, que a autoridade dos professores e das escolas seja praticamente inexistente, tal é o receio de agressões por parte de pais e mães ofendidos porque os seus filhos foram repreendidos. A educação começa em casa, desenvolve-se na escola e na sociedade em geral, não apenas na sala de aula (geralmente com excesso de alunos, apesar da redução que se verificou nos últimos anos, pelo menos em Portugal, em que havia turmas com mais de 30 alunos). Sem esta articulação, sem diálogo e respeito intergeracionais, sem crianças e jovens que percebam que não devem sujar a sala de aula, que têm deveres, o futuro da Europa está comprometido. O exemplo que acabei de apresentar (a limpeza do espaço de ensino-aprendizagem) pode parecer menor, mas nele está toda uma cultura de desresponsabilização das nossas crianças e dos nossos jovens, muito diferente de outras culturas, como a japonesa (cujas crianças, em sala de aula, zelam pelo ambiente físico que é de todos, levam a sua própria comida, comem em harmonia, lavam e arrumam os utensílios).

«Ecologia» é outro dos quatro termos do problema para cuja solução Sassoli se propôs trabalhar com ideias e ações (e também aqui a cultura escolar é fundamental). Não há boas políticas sem um pensamento ecológico amplo e em diálogo com os sinais que a Natureza nos apresenta. Somos seres inscritos num ambiente natural, somos parte da Natureza, mas temos estado contra ela. Esse paradigma tem de ser substituído por um outro em que os indivíduos e as sociedades, na sua ecologia social, cultural e científica, devem (re)aprender a inscrever-se na ecologia da Natureza e a respeitar os seus recursos de energia, água, terra, ar, vida animal, reino mineral. Num mundo que é multipolar, esta mudança não se pode fazer sem uma procura contínua de diálogo e de negociações, sem investimento científico que promova o desenvolvimento rápido da energia dita verde. Os interesses mútuos e a sobrevivência da espécie humana

(o planeta manter-se-á, bem como muitos seres vivos) devem sobrepor-se à coíça e à ambição.

Habitarmos um planeta assolado por uma destruição ambiental e climática antropogénica que parece imparável é destinarmo-nos aos conflitos, às violências e às guerras que sempre resultam das injustiças e das desigualdades. Daí o empenhamento de David Sassoli na aprovação da Lei do Clima. Sassoli desejava uma nova habitação da Terra, uma mudança no nosso modo de vida, e não se coíbiu de o dizer, apesar das críticas daqueles cétricos (ou irresponsáveis) para quem os nossos maus hábitos energéticos não têm impacto no clima. Na conferência de imprensa por ocasião da Cimeira Europeia de 16 de dezembro de 2021, consciente do avanço da pandemia do Covid 19, o então presidente do Parlamento Europeu afirmava ser necessário fazer mais e melhor. Sassoli sabia que esta é uma calamidade natural com uma relação direta com a ação humana, e sabia que temos de aprender com ela, não esquecê-la mal a ultrapassemos. A pandemia do novo coronavírus não é simplesmente o resultado de um qualquer distúrbio natural sem qualquer relação com as atividades humanas. Este vírus (e outros) nasce da submissão que queremos impor a tudo o que nos rodeia, quer seja um ser vivo ou uma qualquer força ou substância, em particular, no caso, animais selvagens vivos, que tratamos desde uma perspectiva ‘especista’. Tal como houve e há racismo, houve e há ‘especismo’, e por isso Sassoli não aceitava a vontade humana de controlo das leis da Natureza e de subjugação de todos os seres vivos.

A imagem de subserviência e homogeneidade que Descartes e outros tanto apreciavam e usavam em favor de uma ideia de futuro de abundâncias materiais sem limites continua a ser demasiado forte. Políticos e humanistas como Sassoli podem fazer a diferença entre o nosso futuro na Terra ou a nossa extinção. Não vivemos apenas no mesmo tempo deste vírus; nós somos este vírus, ou somos a sua origem e a sua garantia de sobrevivência (enquanto hospedeiros e porque lhe proporcionamos ambientes propícios: água, ar e terra poluídos), o que é o mesmo. Cada pessoa que morre devido a este coronavírus ou devido à crise ambiental e climática é, de certo modo, o «último homem» do conto-crónica de Saramago *Os Animais Doidos de Cólera*, escrito em finais da década de 60 do século XX: o último homem antes do derradeiro último homem que as formigas, que povoam a literatura de Saramago (como no romance *Levantado do Chão*), hão de reduzir a matéria-prima de outras vidas não-humanas, visíveis e invisíveis, unicelulares e pluricelulares, sem excluir os vírus (que são o único organismo vivo que não possui células). Estamos em 2020/2022, não em 2968, e esta não é a primeira zoonose (doença transmitida de animais para o homem) que a humanidade enfrenta (e desencadeia). Noutra lugar, afirmei: «a pandemia provocada pela difusão rápida deste coronavírus, sinal e símbolo do infinitamente pequeno que pode dizimar o ser humano, acontece muito antes do ano “profetizado” por Saramago (2968) para o fim do (nosso) mundo» (Nogueira 2022, 190). Contudo, pelas suas características próprias (como ter um considerável período de incubação no corpo humano antes de surgirem os sintomas, o que aumenta o contágio; e pela sua universalidade, viabilizada pela globalização), esta pandemia é uma antevisão do que acontecerá, se não antes, em 2968:

Talvez acabe mesmo. E se os animais vierem a endoidecer de cólera e desencadear esta guerra (2968, por exemplo), ao menos o último homem, coberto de formigas que o estraçalham, ainda poderá pensar que morre a lutar pela humanidade... E será a primeira vez que tal acontece. (Saramago 1971, 137).

Se (ou quando) isto acontecer, dar-se-á a inversão completa e definitiva do que acontece há séculos, bem antes e sobretudo desde a Revolução Industrial, com o ser humano a explorar sem limites todos os recursos naturais e todos os animais. Nunca como hoje se falou tanto em crise global do ambiente, nem se percebeu como agora que a Natureza não pode suportar passivamente toda a desmesura humana e toda a tecnologia.

Recorro a outra afirmação minha: «a visão saramaguiana da nossa pertença ao mundo e da nossa responsabilidade em relação a tudo quanto existe está sintonizada com o pensamento ecológico e ambientalista mais evoluído» (Nogueira 2022, 379). Também Sassoli viu as ruínas da casa que (mal) habitamos e quis contribuir para uma nova ética da Natureza em geral e da vida animal em particular, e para a denúncia eloquente do descomedimento tecnológico e económico. O presidente do Parlamento Europeu falava de «inovação tecnológica», mas não de desenvolvimento ao serviço do domínio ilimitado da Natureza e dos seus recursos. Sem uma casa habitável, não pode haver um futuro digno, nem (literalmente) vida para nós e para as outras espécies. A libertação do humano e do não-humano acontece na prática humana, mas tem de se verificar, antes de mais, nas consciências individuais e coletivas. Era aí que a palavra de um pensador como Sassoli queria atuar; é aí, na consciência e nos atos de cada um de nós, que a transformação começa.

David Sassoli não defendia reformas e mudanças impossíveis, nem queria simplificar o que é humana, burocrática, científica e institucionalmente complexo. Muito do seu labor como cidadão interventivo, em Itália, na Europa e no mundo, consistiu em desconstruir uma tendência que persiste porque quem detém os poderes político e económico, nas diferentes áreas de decisão e de dominação, não os quer simplificar e partilhar; quer, muito pelo contrário, complexificá-los, aumentá-los e perpetuá-los. David Sassoli foi um homem de cultura e de ação, sabia que a liberdade se constrói com clarividência, com o envolvimento de toda a sociedade num caminho sempre difícil de construção de entendimentos, com ‘cultura’ nos vários sentidos do termo (educação enquanto processo de aquisição de conhecimentos e de valores, princípios e normas de conduta, moderação, capacidade de diálogo, respeito pelas diferenças de diverso tipo), não com ideias mais ou menos assumidas e explícitas de supremacia (cultural, económica, política, religiosa, geográfica, étnica).

Evocar Sassoli e os seus valores humanistas e políticos é não esquecer que a Europa não pode alhear-se da sua responsabilidade moral e civilizacional, dos princípios universais que o lema da Revolução Francesa (liberdade, igualdade, fraternidade) condensa; é ter igualmente bem presente que a nossa Europa não pode esquecer que de si nasceram males que a levaram a uma autodevoração (as guerras europeias) e à devoração de praticamente todo o mundo, com a im-

posição de valores supostamente universais pela mão de descobridores, conquistadores, missionários; que, no seu interior, em especial na Europa Central culta e evoluída, a infâmia atingiu requintes de crueldade massiva, programada e científica (e pseudocientífica, como aconteceu com as muitas ‘leis’ ditadas por homens como o médico nazi Josef Mengele).

Convém não ignorar, para não incorreremos na tentação de crer que a arte, a literatura, a civilização, a sensibilidade, só por si, implicam boa-fé e paz: Hitler queria ser pintor, Mussolini lia muito e tocava guitarra (sozinho, durante horas, no campo), Salazar ia à missa (com um olhar cândido). Sem valores como aqueles que David Sassoli defendia, sem pensamento político e económico, sem uma práxis voltada para o bem de todos (sem exceção), a cultura pode não ser senão a antecâmara da barbárie e da exclusão dos mais fracos (ou de todos, como no totalitarismo).

#### Referências bibliográficas

- Louçã, F. 2018. “Marx e Engels na preparação de *O Capital*. A suprema intriga da vida social.” In *O Capital de Karl Marx 150 Anos Depois*, coords. C. Bastien, e J.V. Fagundes, 17-36. Coimbra: Edições Almedina.
- Nogueira, C. 2022. *José Saramago: a Literatura e o Mal*. Lisboa: Tinta da China.
- Saramago, J. 1971. *Deste Mundo e do Outro*. Lisboa: Editora Arcádia.
- Saramago, J. 2018. *O Caderno*. Porto: Porto Editora.
- Steiner, G. 2007. *A Ideia de Europa*. Ensaio introdutório de R. Riemen. Prefácio de J.M.D. Barroso. Tradução de M. de F. St. Aubyn. Lisboa: Gradiva.